Publicado em: Cyrino, S.M.L. (2001) "Algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu e a sua relação com a mudança sintática no português brasileiro" *Signum* 4: 95-112.

ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O PORTUGUÊS EUROPEU E SUA RELAÇÃO COM A MUDANÇA SINTÁTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sonia Maria Lazzarini Cyrino
Universidade Estadual de Londrina/CNPq

Introdução

Quando se fala sobre mudança diacrônica no português brasileiro (doravante, PB), pensa-se que o português que chegou ao Brasil no século XVI, que tem no português europeu (doravante, PE) sua origem e pontos em comum. Assim, dois tipos de análise são possíveis: uma comparação com o PB atual com o português europeu (doravante, PE) mesmo sabendo que o próprio PE pode ter mudado a partir do século XVI, e o estudo sobre a própria mudança sintática na história do PB.

O segundo tipo de análise concentra-se na própria estrutura do PB, observando-se os dados que provêm dessa língua a partir do século XVI . Diversos estudos desse tipo, com ênfase em variados fenômenos, já foram feitos (Roberts & Kato, 1993; Castilho, 1998; Mattos e Silva, 2001, entre outros) e ainda se encontram em andamento (cf. referências em Cyrino, em andamento).

Porém, o primeiro tipo de análise parece não ter sido levado em consideração nos estudos atuais, e precisa ainda ser investigado. A justificativa para a importância dessa pesquisa é a idéia de que mesmo que o PE tenha ele mesmo mudado, o fato de o PB apresentar diferenças em relação ao PE atual pode ser conseqüência de mudanças que tenham ocorrido no PB.

Este trabalho[1] apresenta alguns fenômenos que apresentam diferença entre o PB e o PE atuais, e que são alvo de investigação (Cyrino, em andamento) por poderem estar relacionados à mudança diacrônica detectada nos dados do PB. Esses fenômenos são:

a) a diferença existente entre o objeto nulo do PB e do PE

b) a diferença entre elipse de VP em PB e PE.

A observação desses fenômenos, como veremos, pode, de fato, levar a um melhor entendimento sobre o relacionamento entre esses e outros aspectos do percurso diacrônico do PB.

1. O objeto nulo em PB e PE

[1] Parte deste trabalho apresenta resultados já obtidos dentro do projeto "Língua portuguesa: unidade e diversidade no início do século XXI" (Convênio Internacional CNPq-ICCTI) coordenado por Mary A Kato e João de Andrade Peres.

Sobre o PE, Raposo (1986) foi o primeiro a observar a ocorrência de objetos nulos no português, nesse caso, europeu (1).

(1) Joana viu ___ na TV ontem.

Raposo considerou esse objeto nulo como uma variável, um vestígio deixado pelo movimento de uma categoria vazia para a posição de COMP, onde se tornaria um operador nulo coindexado ao tópico (nulo) do discurso.

(1) Top [___]$_i$ [$_S$ Op$_i$ [$_S$ a Joana viu t_i na TV ontem]]

pois as sentenças abaixo não seriam possíveis:

(3) a. *Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar.
b. *O rapaz que trouxe ___ mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado.
c. *Que a IBM venda ___ a particulares surpreeende-me.
d. *O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado ___ no cofre.

No PB, Galves (1989a,b) observando que as sentenças acima são possíveis, propõe que o objeto nulo é *pro*. Kato (1993) propõe que o objeto nulo seja um *pro* identificado (como sendo 3ª pessoa) e licenciado por um clítico nulo.

Kato (1993) também propõe o *exopro*, um objeto nulo em contextos especiais de comandos, ou receitas, podendo ocorrer em outras línguas, como no inglês:

Send ___ by mail.

Mais recentemente, Kato (2000) assume que o objeto nulo pode ser um tipo de epíteto nulo, regido por um princípio nos moldes do PCV, que rege categorias vazias não-pronominais (Kato propõe que seja um epíteto - é um nome nulo, embora, segundo Lasnik (1991), o epíteto seja [+pronominal, +referencial]), restritingindo a sua ocorrência a uando tem antecedente na posição de tópico e na posição de objeto de V.

Já em Cyrino (1994, 1997), apresento uma hipótese para o objeto nulo no português brasileiro, como um caso de reconstrução em FL. A motivação para tal proposta é a constatação de que a estrutura com elipse de proposicional aumenta com o decorrer do tempo, em detrimento da estrutura com o clítico neutro, inicialmente. Em Cyrino (1997), proponho que a perda do clítico neutro no PB e o aumento das ocorrências de objeto nulo ocorreu devido a uma *opção* entre usar ou não usar o clítico sem comprometer a interpretação, como o exemplo abaixo do século XVIII:

(4) a. Foi que D. Tibúrcio, com a pena de se ver cometido de três mulheres, como vossa mercê __ sabe... (Antonio José, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, 1737)
b. - Que é isto sobrinho?
- Eu *o* não sei, em minha consciência. (Antonio José, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, 1737)

A estrutura é a mesma, ou seja há uma estrutura de reconstrução em (4a) idêntica a (4b), mas há "inaudibilia" (cf. Fiengo & May, 1994), ou seja, não há realização fonológica, como abaixo[2] (4)':

(4)' a. Foi que D. Tibúrcio, com a pena de se ver cometido de tr6es mulheres, como vossa mercê *[o pro]* sabe...
b. - Que é isto sobrinho?
- Eu [o pro] não sei, em minha consciência.

Assim, os casos de objeto nulo no PB são casos de reconstrução em FL, e elipse em FF, licenciados por uma categoria funcional, I, preenchida por uma categoria lexical.

Em PE, tal não seria possível, pois o V não se detém em I, subindo para uma posição acima.

Tendo em vista essa proposta, e procurando detectar as reais diferenças entre o PE e o PB em relação ao objeto nulo, analisei um corpus constituído por anúncios de revistas portuguesas e brasileiras, com o objetivo de observar a ocorrência desses elementos em ambas as variedades. O corpus foi constituído por:

Revistas brasileiras:
Os anúncios foram extraídos de revistas de circulação nacional, uma delas, a VEJA, sobre assuntos de política, economia e cultura, dirigida ao público em geral; outra, CLÁUDIA, sobre beleza, dirigida ao público feminino; finalmente, DOMINGO e VEJA RIO, revistas de variedades que vêm encartadas em VEJA e no JORNAL DO BRASIL.

Revistas portuguesas:
Os anúncios que se seguem foram extraídos das seguintes revistas portuguesas: VISÃO, que se equipara à brasileira VEJA, que trata de assuntos de política, economia e cultura e se dirige ao público em geral, e das revistas QUO, ADOLESCENTES e PAIS & FILHOS, dirigidas ao público adulto, em geral feminino.

Os resultados estão expostos na tabela 1:

	objeto nulo		preenchimento		TOTAL	
	N.	%	N.	%	N.	%
PB	19	76	6	24	25	100
PE	1	3	33	97	34	100

Tabela 20. objeto nulo vs. preenchimento no PB e no PE

Observa-se a grande diferença de ocorrência de objetos nulos entre o PB e o PE.

No PE, o único objeto nulo encontrado, está na sentença abaixo:

(5) Preencha os seus dados, cole o cupão num postal dos CTT e envie ___ para a promoção QUO/NIVEA FOR MEN, Rua Filipe Folque 40 - 2º , 1069-124 Lisboa. (PE)

[2] A estrutura retomada por *pro* não está indicada pois demandaria outra discussão sobre sua recuperação, mas refiro leitor a Cyrino (1997).

Observamos que nesse exemplo temos o imperativo, ou o *exopro*, que ocorre também em outras línguas, como vimos acima.

No PB, temos também tais exemplos nos dados, como abaixo:

(6) Você decide quais serão as três bandas nacionais que se apresentarão na festa, anota ___ no cupom, manda ___ para a Rádio Cidade, caixa postal 23029, e ainda concorre a uma super mordomia com direito a três acompanhantes no camarote vip da Cidade com tudo liberado. (PB)

No entanto, temos objetos nulos como no exemplo abaixo, que não se encontra no PE:

(7) Lentes de contato: AGORA, VOCÊ PODE ESQUECER ___. NIGHT & DAY da Vision é a maior inovação em lentes de contato de uso contínuo para miopia dos últimos tempos! As únicas que VOCÊ usa por 30 noites e dias sem precisar tirar ___ nem para dormir. (PB)

Compare com PE:

(8) Os nossos móveis crescem com os seus filhos. Quando a pintura não corresponder à idade deles, nós voltamos a reciclá-*los* e a pintá-*los*, com desenhos de acordo com a sua idade. (PE)

Além disso, embora tenhamos o exopro no PE, como no exemplo (5), temos também essa posição preenchida, como nos exemplos abaixo, o que nunca ocorre no PB:

(9) Muitos dentifrícios protegem contra as bactérias, mas está clinicamente provado que só Colgate Total protege contra as bactérias abaixo da linha da gengiva. Pensamos que lhe dá a protecção mais completa. Experimente-*o*. (PE)

(10) Envie o seu Donativo em Cheque ou Vale Postal A/C Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes. Largo Cristóvão Aires, 1 A-B, 1700-126 Lisboa. Ou deposite-*o* no Banco BPI, S.A. (PE)

O exemplo de objeto nulo em 2a. coordenada, apontado por Kato (1993), também ocorre no PB, o mesmo não acontecendo em PE - não houve nenhum exemplo de coordenadas - sem ser imperativo:

(11) No Dia dos Namorados, Baileys começa a história. A sua imaginação termina ___. (PB)

Com relação ao clítico neutro, no PE não ocorreu nenhum exemplo com objeto nulo proposicional. Em todos os dados houve preenchimento, como no exemplo abaixo:

(12) Está provado que Colgate Total é o primeiro e único dentifricio que protege acima e abaixo da linha da gengiva, criando um escudo protector durante, pelo menos, 12 horas. E não importa quanto tenha comido ou bebido. Os testes clínico comprovam-n*o* de forma evidente. (PE)

Já no PB, como era de se esperar, esse clítico nunca ocorreu. Temos somente exemplos como abaixo:

(13) Temos que admitir ___, as coisas estão cada vez melhores. (PB)

Observei também o fator animacidade, seguindo resultados em Cyrino (1997). No PB, dos 24 antecedentes inanimados, 19 foram objeto nulo. Os outro cinco estão abaixo:

a. 2 exemplos preenchidos por clíticos:

(14) Além disso, enquanto os outros shakes possuem até 166 calorias, o Cereal Shake Diet realiza tudo isso com apenas 64 e você ainda pode tomá-l*o* com leite, iogurte, suco ou até com sopa. (PB)

(15) Lux Luxo Ação Hidratante cuida da sua pele, deixando-*a* muito mais hidratada e macia.

b. 1 com repetição de NP:

(16) Doce pronto tem em qualquer lugar. Mas algumas pessoas teimam em fazer *doce* em casa. (PB)

Porém, em (16) há o problema de *doce (pronto)* não ser o antecedente de *doce*.

c. 2 com demonstrativo:

(17) Além disso, enquanto os outros shakes possuem até 166 calorias, o Cereal Shake Diet realiza *tudo isso* com apenas 64 e você ainda pode tomá-lo com leite, iogurte, suco ou até com sopa. (PB)

(18) Com uma pequena contribuição mensal, você constituirá um fundo de reserva em nome deles, com rentabilidade mínima garantida de IGPM mais juros de 6% ao ano, além de créditos adicionais de excedentes financeiros. Assim, no futuro, eles poderão utilizar *esse fundo* para arcar com os custos de faculdade, pós-graduação, viagens ao exterior, compra de imóveis, etc... viabilizando sues projetos de vida. (PB)

Só houve uma ocorrência de antecedente animado, sendo que não foi um caso de objeto nulo, mas de clítico:

(19) No segundo Grau,o aluno começa a ser preparado para ingressar no mercado de trabalho. Palestras sobre orientação vocacional, ministradas por professores gabaritados e atuantes na área, ajudam a sintonizá-l*o* com o futuro, ou seja, com sua vida profissional. (PB)

No entanto, no PE, dos 21 inanimados, somente um é objeto nulo. Porém, trata-se do exemplo com imperativo, (5) acima. Já todas as ocorrência com antecedente animado apresentaram-se preenchidas, sempre por clítico.

O objeto nulo do PB, em minha proposta é reconstrução, ou seja, o mesmo processo de elipse de VP. Algumas propostas para a elipse citam também a necessidade de um licenciador (cf. Lobeck (1987, 1995), Chao (1987), Zagona (1988) e Matos (1992)). Em Cyrino (1999) proponho que em todos os casos de reconstrução e elipse em FF deve haver um a categoria funcional que c-comanda a estrutura em questão, para licenciá-la.

Nessa proposta, o PE não teria esse objeto nulo porque não tem como licenciá-lo. Se isso é verdade, a elipse de VP no PE também seria diferente da elipse de VP no PB. Essa investigação encontra-se em andamento: como as diferenças existentes entre o PE e o PB se estabelecem na elipse de VP, e como fazer generalizações sobre esses fenômenos (cf. Cyrino, em andamento).

2. A elipse de VP em PB e PE

A investigação sobre a elipse de VP é necessária devido à minha proposta de reconstrução para o objeto nulo, (e licenciamento). A elipse de VP no PB também não poderia ser igual ao que ocorre no PE. E de fato, essa hipótese corresponde aos fatos.

Inicialmente, observamos que Matos (1992:273-274) apresenta como agramaticais as seguintes sentenças do PE:

(20) a. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também deve ter estado a ler [SV __]
[SV __] = ?? * [V v] esses livros às crianças
b. ?? * A Ana está a ler os livros aos miúdos e Maria também está a ler[SV __]
[SV __] = ?? * [V v] os livros aos miúdos
c. ?? * O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios não foram atribuídos [SV __]
[SV __] = ?? * [V v] [SN v] à Maria
d. A: Esse livro tem estado a ser lido aos miúdos?
B: ?? * Não, não tem estado a ser lido [SV __]
[SV __] = ?? * [V v] aos miúdos

Para os casos de (20a e b), Matos justifica a impossibilidade para o PE , dizendo que o grupo "estar a+infinitivo" não permite a incorporação que formaria uma unidade verbal complexa capaz de legitimar e identificar o VP nulo. Argumentos para essa explicação são dados com a diferença existente em PE entre (21a) e (21b) abaixo:

(21) a. ?* O João não faz isso antes de tu teres *também* feito
b. O João só faz isso quando tu estiveres *também* a fazer

A presença do advérbio *também* mostra que com "estar a+infinitivo" não há incorporação, visto que o advérbio pode intervir.

Com relação a (20c) e (20d), Matos mostra que particípios passivos, sendo [+V, -N] não são capazes de identificar o VP nulo. Como argumento adicional, Matos mostra que o mesmo não ocorre com adjetivos:

(22) ??* O Luís está desejoso de partir para férias e a Maria também está desejosa.

(23) ??* O Luís está receoso de que a Maria não aceite a proposta ,mas a Ana não está receosa.

Em PB todas são OK, o que significa que há diferenças entre as duas línguas no que se refere ao licenciamento da elipse.

Em (20a), temos uma seqüência verbal que não é usada no PB, com o modal seguido do aspectual “estar” mais um complemento infinitivo preposicionado. No PB o aspectual “estar” é seguido de uma construção gerundiva (estar a ler = estar lendo), uma das diferenças entre as duas línguas, cujo registro histórico poderia ser melhor investigado, tanto para uma como para outra língua. Mas mesmo assim, se substituirmos essa construção em (53a), no entanto, ainda assim não teríamos uma sentença usual no PB:

(24) ?? A Ana deve ter estado lendo esses livros às crianças e a Maria também deve ter estado lendo.

Porém, em (20b), se fizermos a mesma substituição a sentença me parece gramatical (25):

(25) A Ana está lendo os livros para as crianças e a Maria também está lendo.

Sabemos que no PB, a sentença mais comum é com a construção de despojamento (26):

(26) A Ana está lendo os livros para as crianças e a Maria também está.

Mas (20c)é totalmente gramatical no PB, como podemos ver em (27):

(27) O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios não foram atribuídos.

(20d) não seria possível em PB, ou, pelo menos, não soa muito natural, sendo, no entanto, possível como (28):

(28) A: Esse livro tem sido lido aos miúdos?
B: Não, não tem sido lido.

As sentenças acima são consideradas elipse de VP, pois obedecem aos critérios para tal construção (cf. Matos, 1992), e, nesse caso, parece que há uma diferença entre os licenciadores, ou a posição dos licenciadores, dessa elipse. Assim, é importante investigar qual seria a razão de tal diferença, visto que temos a questão do enfraquecimento de AGR poder estar relacionado à perda de movimento de V em PB da mesma forma como ocorreu no inglês, conforme veremos abaixo.

3. A questão da mudança sintática

Uma das mudanças ocorridas no PB diz respeito à ocorrência de elementos nulos pós-verbais, e pode ser relacionada a outra mudança que pode ter ocorrido no PB, uma mudança

na posição de V. Ao olhar alguns outros aspectos relacionados à posição de V no PB atual e no PE, verificamos que há uma diferença entre as duas línguas, que vale a pena ser investigada diacronicamente.

Abaixo, seguem algumas considerações sobre a mudança sintática no PB em relação a esses fenômenos.

Nos estudos sobre a mudança sintática no PB (cf. Roberts & Kato, 1993), a questão do enfraquecimento da concordância sempre é invocada para explicar as outras mudanças detectadas na língua. Da mesma forma, nas pesquisas sobre a mudança sintática em línguas como o inglês, o enfraquecimento da concordância tem sido muitas vezes relacionado a uma outra mudança, a perda de movimento de V a I.

A questão que se coloca é, portanto: o PB também sofreu uma mudança no movimento de V, detectada pelo enfraquecimento da concordância?

Ora, essa questão não pode ser respondida conclusivamente pois os efeitos dessa mudança no inglês, ou seja, aparecimento de auxiliares "dummy", inversão nas interrogativas dos verbos auxiliares e posicionamento de advérbios, que são fenômenos classicamente relacionados ao enfraquecimento da concordância, não podem ser relacionados ao PB.

De fato, Roberts (1999) mostra que os dois fenômenos, perda de marcação morfológica de concordância e perda do "gatilho" para o movimento de V (i.e. riqueza de AGR) têm sido relacionados na história do inglês, das línguas escandinavas (Platzack, 1987), do dinamarquês (Roberts, 1993), do islandês e de alguns dialetos do sueco (Platzack 1987; Platzack & Holmbeg, 1989).

No entanto, o próprio Roberts observa explicitamente que uma ligação entre os dois fenômenos não pode ser mantida. Ele mostra o caso do movimento de V a I nos infinitivos, que não existe em francês, mas existe em italiano (Roberts 1999:291), embora nenhuma dessas línguas tenha infinitivo flexionado:

(29) a. *Ne lire pas le livre.
b. Ne pas lire le livre.
c. Non leggere più il libro.
d. *Non più leggere il libro.

Além disso, há certas línguas que têm movimento de V, mas não têm a morfologia relevante, como por exemplo o holandês e o africaner, o inglês do norte da Inglaterra e da Escócia do século XIV, e o sueco.

Uma outra consideração é a diferença entre as épocas em que essas perdas, a perda da concordância e a perda do movimento de V a I, ocorreram no inglês e no dinamarquês, uma diferença de alguns anos na primeira língua e de séculos na segunda.

Roberts argumenta que a relação entre os dois fenômenos deve ser unívoca: se há marcação morfológica da concordância verbal relevante, então I tem um traço forte e detona o movimento de V a I. A conseqüência é que a perda da concordância não é suficiente para a perda do movimento de V a I, é só uma condição necessária para essa perda ocorrer.

Como vimos, esse parece ser o caso do PB. Embora podemos afirmar de alguma forma o enfraquecimento da concordância (cf. Galves 1993), não podemos relacioná-la à perda de movimento de V a I.

No entanto, permanecemos com a mudança na ocorrência de elementos nulos como os objetos nulos e elipse de VP, e a diferença existente entre o PE e o PB em relação a esses fenômenos, conforme vimos acima. Segundo minha hipótese, o licenciamento desses

elementos se faz via uma categoria funcional preenchida por uma categoria lexical, ou seja, V em I. Se não podemos dizer que houve perda de movimento de V a I em PB, e sabemos que esse movimento ocorre em PE devido à traços fortes de I, como explicar que mudança realmente ocorreu no PB?

Esses fatos são indicações de que uma outra mudança na língua, uma mudança na estrutura verbal, pode ser a causa da maior ocorrência de complementos nulos no PB atual. Porém, a pesquisa sobre essa mudança ainda não apresenta resultados finais (Cyrino, em andamento).

Conclusão

Vimos, neste trabalho, como algumas diferenças entre o PB e o PE atuais podem ser detectadas e servir de base para um questionamento sobre a história do PB. Embora esse tipo de análise não tenha ainda ganhado muitos estudos, creio que é importante que seja feito na medida em que o PB pode apresentar diferenças em relação ao PE atual como conseqüências de mudanças que tenham ocorrido em seu percurso diacrônico.

Assim, através da observação dos fenômenos do objeto nulo e da elipse de VP em PB e PE, é possível hipotetizar sobre mudanças diacrônicas relacionadas, ou seja, a mudança na estrutura verbal do PB. Um outro estudo (Cyrino, em andamento) pesquisa, ainda, a própria estrutura verbal nas duas variedades em suas realizações atuais, para eventualmente chegar-se à conclusões mais concretas sobre a história do PB.

Referências

Castilho, A. T. (1998) (org) Para a história do português brasileiro vol I: Primeiras idéias. São Paulo, Humanitas.

Chao, W. (1987) On Ellipsis, tese de doutorado, University of Massachussetts, reproduzida por Graduate Linguistics Student Association, University of Massachussetts, Amherst, MA, EUA.

Cyrino, S.M.L. (1994/1997) O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico, Londrina: Editora da UEL.

Cyrino, S.M.L. (1999) "A categoria INFL no português brasileiro" *Estudos Lingüísticos* XXVIII, p. 449-454.

Cyrino, S.M.L. (em andamento) "Para a história do português brasileiro: investigando a mudança sintática na estrutura verbal", projeto apresentado ao CNPq em 2001.

Fiengo, R. & May, R. (1994) Indices and Identity, Cambridge, MIT Press.

Galves, C. (1989a) "O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de uma Pesquisa", *Cadernos de Estudos Linguísticos* 17: 65-90.

Galves, C. (1989b) "Objet Nul et Structure de la Proposition en Portugais Brésilien", *Revue des Langues Romanes* 93: 305-336.

Galves, C. (1993) "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro" em I. Roberts & M. Kato (orgs.) Português brasileiro - uma viagem diacrônica Campinas, Editora da UNICAMP, p. 387-408.

Kato, M. A.(1993) "The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese", in W. Ashby, M. M. G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.) Linguistic Perspectives on the Romance Languages, Amesterdam, John Benjamins.

Kato, M. A. (2000) "Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro", ms.

Lasnik, H. (1991) "Necessity of binding conditions" in R. Freidin (org.) Principles and parameters in comparative grammar Cambridge, MIT Press.
Lobeck, A. (1987) Syntactic Contraints on Ellipsis, tese de doutorado, University of Washington, reproduzida por Indiana University Club, Boomington, Indiana, EUA.
Lobeck, A. (1995) Ellipsis: functional heads, licensing, and identification Oxford: Oxford University Press.
Matos, M. G. A. P. (1992) Construções de Elipse de Predicado em português - SV Nulo e Despojamento, tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Portugal.
Mattos e Silva, R.V. (2001) (org) Para a história do português brasileiro vol. II: Primeiros estudos. São Paulo, Humanitas.
Platzack, C. (1987) "The Scandinavian languages and the null-subject parameter" *Natural Language and Linguistic Theory* 5: 377-401.
Platzack, C. & A. Holmberg (1989) "The role of AGR and finiteness" *Working papers in Scandinavian syntaxI* 43: 51-76.
Raposo, E. (1986) "On the null object in European Portuguese" in O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (orgs.) Studies in romance languages Dordrecht, Foris.
Roberts, I. (1993) Verbs and diachronic syntax Dordrecht, Kluwer.
Roberts, I. (1999) "Verb movement and markedness" em M. de Graff (org.) Language creation and language change Cambridge, MIT Press, p. 287-327.
Roberts, I. & M. Kato (1993) (orgs.) Português brasileiro - uma viagem diacrônica Campinas, Editora da UNICAMP.
Zagona, K. (1988) Verb phrase syntax: a parametric study of English and Spanish. Dordrecht: Kluwer.